

**RELATOS DO DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA SOBRE REPRESENTAÇÕES
DAS POPULAÇÕES NEGRAS NO JORNAL A GAZETA ENTRE OS ANOS DE 2015
A 2019: DEMONSTRATIVOS DO MUITO POR FAZER NA EDUCAÇÃO DAS
RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS**

**REPORTS OF THE RESEARCH DEVELOPMENT ON REPRESENTATIONS OF
BLACK POPULATIONS IN THE NEWSPAPER GAZETA BETWEEN THE YEARS
2015 TO 2019: DEMONSTRATIVES OF MANY TO DO IN THE EDUCATION OF
ETHNIC-RACIAL RELATIONS**

Thais Albuquerque Figueiredo¹

RESUMO

O artigo que se apresenta aqui é fruto de bolsa de iniciação científica no projeto de pesquisa “História e Jornalismo: as representações dos negros nos jornais rio-branquenses”, no período de agosto de 2019 a agosto de 2020. O projeto em comento é pautado no uso das hemerográficas, tendo como objetivo buscar através desse meio de comunicação as representações dos negros nos jornais da capital acriana. Cabendo a exposição e breve análise de dados obtidos junto ao jornal A GAZETA, cuja baliza cronológica foi de 2015 a 2019. Com este intuito além da investigação no periódico, foi traçado um roteiro para auxiliar as pesquisas em que se observavam datas de publicação, espaços em que se encontravam representações visuais ou textuais sobre as populações negras. Igualmente verificando se eram caracterizados em áreas políticas, econômicas, sociais, culturais ou policiais do jornal. Utilizando como base teórica autores tais como: José D’ Assunção Barros, Heloisa de Faria Cruz, Maria do Rosário da Cunha Peixoto, Nedy Bianca Medeiros de Albuquerque, Tania de Luca, entre outros. Após as leituras sobre apontamentos teóricos e metodológicos, fomos à pesquisa de campo, ainda inconclusa. Na primeira parte foi possível analisar os periódicos de forma minuciosa e fazer levantamento de dados, ademais concluímos que apesar das leis e políticas afirmativas, lamentavelmente os levantamentos até agora demonstram que as populações negras ainda ocupam cargos e espaços públicos de menor prestígio social. Nesse sentido, pesquisas como essa se tornam cada vez mais importantes para que doravante possa causar uma tomada de consciência.

PALAVRAS-CHAVES: Periódicos; História e Jornalismo; Representação; Negros.

ABSTRACT

¹ Graduanda do curso de História Licenciatura pela Universidade Feral do Acre – UFAC e bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC.
E-mail: thaisalbuquerque07@gmail.com

The article presented here is the result of a scientific initiation scholarship in the research project “History and Journalism: the representations of blacks in Rio-Branquenses newspapers”, which is been developed since August 2019 until August 2020. The project in question is based on the use of hemerographs, with the objective of seeking, through this means of communication, the representations of blacks in the newspapers of the acrian capital. The presentation and brief analysis of data is obtained from the newspaper A GAZETA, whose chronological guide is from 2015 to 2019. In addition to the investigation in the periodical, a script was designed to assist the research in which were observed: publication dates, spaces in which visual or textual representations of black populations were found, also verifying whether they were characterized in political, economic, social, cultural or police forces. It is been used as theoretical basis authorssuch as: José D ’Assunção Barros, Heloisa de Faria Cruz, Maria do Rosário da Cunha Peixoto, Nedy Bianca Medeiros de Albuquerque, Tania de Luca, among others. After reading about theoretical and methodological notes, we went on to field research, which is still unfinished. In the first part, it was possible to analyze the periodicals in detail and conduct data collection, in addition, we concluded that despite the affirmative laws and policies, the data collected so far unfortunately demonstrate that black populations still occupy public positions and public spaces of lesser social prestige, in this sense, researches like this becomes increasingly important, so that from now on it can cause awareness.

KEYWORDS: Periodicals; History and Journalism; Representation; Black.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo é baseado no projeto de pesquisa intitulado: “História e Jornalismo: as representações dos negros nos jornais rio-branquenses” no período de 2015 a 2019, realizado a partir do edital de iniciação científica vigente entre agosto de 2019 a agosto de 2020, em que sou bolsista PIBIC/UFAC.

Tal pesquisa possui o objetivo de fazer análises dos jornais observando se a implantação de políticas de Ações Afirmativas se faz perceber na mídia local e por consequência se há maior espaço e valorização das populações negras junto aos formadores de opinião pública. O projeto se constituiu tendo em vista aprovações de leis relacionadas as chamadas ações de discriminação positiva – a exemplo das cotas e a inserção de temas étnico raciais no ensino sobre as culturas negras e indígenas. Como se dá a representação dos negros nestas mídias de comunicação de massa, onde eles aparecem, qual o papel a eles oferecido pela sociedade, entendendo que as mídias são representações da sociais e suas transformações. Nesse sentido a pesquisa vem nos trazendo informações e respostas quanto a isso, assimilando “a importância crucial dos meios de comunicação social um campo interdisciplinar estratégico para a compreensão da vida contemporânea” (CRUZ, PEIXOTO, 2007).

A inquirição dos dados está sendo realizada através dos jornais impressos que podem ser encontrados no Centro de Documentação e Informação Histórica (CDIH) da Universidade

Federal do Acre (UFAC), situado na parte superior da Biblioteca Central no campus Rio Branco. A opção pelo uso do CDI, que hoje integra o Museu Universitário, se deu pela facilidade de acesso e reunião tanto das condições necessárias para o desenvolvimento das ações da pesquisa, quanto por comportar coleção quase que completa dos periódicos pesquisados por nossa baliza cronológica. Ademais, os acervos encontrados no CDI são de trânsito mais fácil aos estudantes de nossa instituição de ensino superior, já que nas sedes dos jornais inquiridos pelo projeto encontramos acesso restrito a disponibilidade de membros daquela empresa. Além de preferirem que fosse solicitado a digitalização dos materiais a serem pesquisados, o que demandaria inclusive o pagamento deste processo, tornando assim o levantamento inviabilizado por questões financeiras.

O suporte teórico e metodológico da pesquisa teve como base José D' Assunção Barros, Heloisa de Faria Cruz, Maria do Rosário da Cunha Peixoto, Rodrigo Santos de Oliveira, Nedy Bianca Medeiros de Albuquerque, Tania Regina de Luca, entre outros. Após encontros de estudos destes aportes, a orientadora do projeto conjuntamente com as bolsistas, criaram um instrumento de pesquisa, em que se apontam os dados a serem observados e são feitos os registros acerca dos periódicos pesquisados. Contudo, o levantamento de dados ainda está incompleto, por conta do período de quarentena da UFAC. Assim, o que se apresenta aqui, é o resultado parcial das inquirições ao jornal A GAZETA. Para tanto, a seguir começamos nosso trabalho com a apontamentos relevantes sobre a relação entre História e Jornalismo os associando a nossa temática

2. HISTÓRIA E JORNALISMO

O projeto de pesquisa, “História e Jornalismo: as representações dos negros nos jornais rio-branquenses”, baseado nas fontes hemerográficas possui o intuito de realizar levantamentos de dados a respeito de como eles estão representados nesse meio de comunicação de massa. Considerando que os noticiários impressos expressam e refletem a sociedade em que estão inseridos, ou ao menos, pretendem fazer isso. Nesse sentido é importante salientarmos que os periódicos são importantes fontes históricas, tendo em vista a definição de José D' Assunção Barros:

São fontes históricas tanto os já tradicionais *documentos textuais* como também quaisquer outros que possam nos fornecer um testemunho ou um discurso proveniente do passado humano, da realidade um dia vivida e que se apresenta como relevante para o presente do historiador. (BARROS, 2012).

Ou seja, fonte é tudo aquilo que foi e é produzido pelo homem, aquilo que deixa vestígios que permitem ao historiador pesquisar e buscar respostas para compreender determinados aspectos sociais. Nesse sentido, manusear tais fontes nos permite um olhar mais crítico e minucioso da sociedade principalmente por nos debruçarmos sob a Micro – história.

Embora o conteúdo do periódico seja bastante seletivo, ou seja, está voltado a uma parcela da população que corresponde a classe média alta. Ainda é possível percebermos como o negro se caracteriza e se impõe, ou na maioria das vezes é posto e apresentado. A roupagem que lhes é dada está sempre pautada em uma figura criminosa ou em situação de pobreza, afinal, só é permitido que apareça na página de número sete² do jornal, raras são as ocasiões onde autorizam – lhe aventurar-se por outras páginas.

Dessa forma, a interação entre história e jornalismo nos faz debruçar-se sob uma gama de perspectivas, pois, a bagagem histórica colonial ainda se perpetua por meio de discursos implícitos ou explícitos, como já foi supracitado, as fontes hemerográficas reverberam um contexto social de “transformações”, sejam boas ou ruins. Partindo desse pressuposto podemos entender que: “quem escreve, escreve para um público alvo e com intenção de influenciar na vida desse público através da comunicação” (NASCIMENTO, 2014). Assim, compreende-se que os jornalistas buscam a neutralidade, todavia, ela é quase uma utopia.

A inquirição de todos os dados, como imagens, textos que possuíssem alguma palavra de cunho étnico racial foram feitas através da leitura direta dos periódicos como já foi acima citado, *a priori* seguimos um roteiro estabelecido juntamente com nossa orientadora, uma espécie de guia para que pudéssemos efetuar a pesquisa da melhor forma possível, certamente ele seria flexível de acordo com o andamento da laboração. No nosso instrumento de pesquisa, constam anotações sobre a data de publicação, número e ano, observando se tratar ou não de edição dominical, além disso, identificamos se a notícia apresenta imagens/fotografias/charges ilustrativas. Consideramos ainda se é manchete ou estampa a primeira página do jornal, ponderando se é texto de notícia solta ou constando em coluna específica (social, cultural, política, economia ou policial), por fim verificando se é ou não anúncio ou classificado ou propaganda. À medida que explorássemos as páginas, poderíamos anexar informações que não haviam sido incluídas no instrumento de pesquisa e na elaboração desse roteiro, contudo, posteriormente se fizeram importantes a serem anexadas.

O andamento da pesquisa passou por crivos até de fato chegar a prática, em um primeiro momento se fez necessário todo um embasamento teórico, um diálogo com textos entendendo

² Número referente a página policial do Jornal A Gazeta

os conceitos e os motivos que faziam uma perquirição como essa ser tão relevante, autores como José D' Assunção Barros, Tania de Luca, Nedy Bianca, Heloisa de Faria Cruz, entre outros, fundamentais nas interlocuções feitas semanalmente.

Nesse contexto, também realizamos dentro da semana Acadêmica de História e Semana em Favor da Igualdade Racial, um minicurso com o mesmo tema da pesquisa: “História e Jornalismo: as representações dos negros nos jornais rio-branquenses” – construímos um roteiro com alguns textos que haviam sido expostos nas reuniões durante os estudos a respeito do projeto. Dessa forma, cada bolsista responsabilizou – se por explicar a respeito de um determinado texto, bem como uma apresentação do periódico ao qual realizaria a pesquisa (inclusive relatando a história do mesmo). Durante a realização desse minicurso tivemos a possibilidade de compartilharmos alguns dados iniciais, as primeiras experiências como pesquisadora e dificuldades até então enfrentadas. Na ocasião também ouvimos sugestões à nossa pesquisa, proposituras feitas por alunos e alunas da UFAC, tendo grande contribuição sido feita por cursistas interseccionais. (Ou seja, que além de graduandos da História e do Jornalismo da UFAC, eram também auto identificados como negros) nos relatando suas vivências e as representações destas. O minicurso também abordou temas como o surgimento da imprensa no Brasil, a prática denunciativa da exclusão social feita em jornais como o Varadouro, que embora possua poucas publicações se fez extremamente importante para a época até os dias de hoje. Sendo alvo de pesquisas e projetos anteriores a esse que ainda está em andamento. Recordando que a imprensa negra é referência constante dos relatos de enfrentamento aos silenciamentos impostos pela lógica do branqueamento, pois:

O confronto com essa realidade se deu com a consciência de que o combate ao racismo era interesse da população de cor o que culminou na criação de jornais que dessem conta de responder as injúrias, maldades e difamações diárias recebidas pela população negra. A escrita lhes garantiu um papel de autor de suas histórias. Não foi preciso que ninguém falasse por eles, eles se posicionaram e organizaram sua defesa. Por isso é que eles são os protagonistas de suas histórias. (OLIVEIRA,2018).

Particularmente, essa vivência nos estimulou ainda mais a prosseguir como licenciandas e pesquisadoras, permitindo nos enxergarmos além do que nossos olhos podiam, afinal, o conhecimento é libertador, e pode ser ainda mais à medida que o fazemos conhecido a outras pessoas.

Todo o processo de construção como qualquer outro não foi fácil, principalmente dentro do contexto político em que vivemos, onde pesquisas acadêmicas da área de humanas não

possuem tanta importância, e ainda menos quando nos “atrevemos” a falar das minorias e excluídos sociais tais como indígenas, LGBTQIA+³, mulheres e negros.

A princípio nós bolsistas do projeto de iniciação científica partimos da ideia de livre acesso à sede dos jornais, mas, constatamos as dificuldades decorrentes da disponibilidade de trânsito franqueado aos arquivos. Em outras palavras, de obstáculos impostos pelos funcionários de algumas empresas de comunicação (indo desde a “gentil sugestão” de pedirmos que adquiríssemos todos os volumes digitalizados, perpassando a indisponibilidade de colocar alguém a nos acompanhar nos acervos). Diante disto, buscamos as informações pela internet tendo em vista que alguns grandes jornais fornecem periódicos em caráter digitalizado, porém, nem todos os periódicos pesquisados estavam disponíveis nesse formato. No caso, não foi obtido sucesso sendo necessário partir para os impressos, desta forma como citei anteriormente a pesquisa foi realizada dentro do campus da UFAC, e utilizando os materiais hemerográficos do CDIH.

Contudo, no decorrer do processo algumas dificuldades foram encontradas, por exemplo, os jornais fornecidos ao centro de pesquisa da universidade muitas vezes estão incompletos, ou seja, existem meses que possuem apenas dois periódicos, o que altera a quantidade de dados pesquisados. Durante os dias em que estive no local destinado a pesquisar, uma servidora forneceu – me luvas para que não danificasse o material, tendo os cuidados necessários para prolongar a vida do documento histórico, as fotografias de imagens poderiam ser feitas através da câmera do celular, contudo o uso do flash era estritamente proibido.

O recolhimento dos dados se deu por meio de uma análise minuciosa de cada jornal, atentando sempre a chamadas, aos títulos, as colunas e principalmente as fotografias. O mais interessante é observar que raramente se encontrara um negro em colunas políticas, social, nas primeiras páginas somente se fosse um crime grave o suficiente para o apresentarem na capa. Como dizem, uma imagem vale mais que mil palavras, segue algumas retiradas do jornal A Gazeta que explicitam como a figura do negro normalmente é representada. As fotografias feitas do meu celular são referentes a duas chamadas que estão na primeira página do periódico, de um lado temos alguém que foi acometida e de outro alguém que cometeu.

Figura 1 – Chamada da primeira página do jornal

³Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Transgêneros, Queer, Intersexo, Assexual e + que abriga todas as diversas e/ou de identidade de gênero que existam



Fonte: Jornal A Gazeta, 16 de fevereiro de 2019, ano XXI, nº 9.959, pg. 01

Figura 2 – chamada, primeira página do jornal



Fonte: jornal A Gazeta, 15 de fevereiro de 2019, ano XXI, nº9.958, pg. 01

Como já foi dito, as imagens acima expostas são da primeira página do jornal, em função disso gostaria de abrir um adendo e dialogar rapidamente sobre o aumento dos números de feminicídio no ano de 2019 no Estado do Acre. Tendo em vista que o mesmo obteve um dos maiores índices empatando apenas com o Alagoas, sendo 7 vítimas a cada 100 mil mulheres. As imagens acima e os dados aqui expostos, também demonstram a triste realidade interseccional das jovens mulheres negras, que são em sua maioria as vítimas de violência doméstica.

De acordo com dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, no ano de 2017 foram registrados mais de 60 mil casos de violência contra a mulher no País, no mesmo ano o Brasil também concentrou cerca de 40% dos feminicídios, segundo a Comissão Econômica para América Latina e Caribe (CEPAL), vinculada a ONU. “Eles nos perguntam se sabemos de que

crimes somos culpadas. Depois de uma breve pausa para pensar, falamos: ‘a única coisa de que somos culpadas é de sermos mulheres’. Essa é, ao mesmo tempo, a resposta certa e errada” (LOVELACE, 2018, pag. 28). Abordando especificamente sobre a taxa de homicídio de pessoas negras, o site do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) revela que o índice de homicídios para esse grupo da população atingiu a 43,1 para 100 mil habitantes, estes dados são referentes ao ano de 2017, enquanto que para pessoas não negras chegou a 16 por 100 mil.

Ao fechar nosso adendo, nos cabe propor reflexões sobre o perfil do jornal pesquisado, pois, das 60 edições pesquisadas entre os anos de 2015 e 2019 registramos silêncios e inexistência de populações negras em suas páginas. Ao considerarmos que os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística afirmaram em seu Censo de 2010⁴ que a maior parte dos cidadãos acreanos se declaravam como parda 65,99% e 5,54% se declararam negros, constatamos que o jornal pesquisado invisibiliza ou traz a população pesquisada em estereótipos. Mais espanto nos causa tal constatação ao remetermos as memórias de fundação do jornal A Gazeta...

3. UMA BREVE HISTÓRIA DO JORNAL A GAZETA

O A Gazeta, vem de um jornalismo investigativo, atributo herdado do *Varadouro – um jornal das selvas* que foi produzido em Rio Branco entre os anos de 1977 a 1981, sendo um periódico de resistência, fundamentado na defesa dos oprimidos, contudo, apesar do seu sucesso tiveram poucas edições totalizando apenas 24, que foram e são significativas para a história do jornalismo Acreano. Silvio Martinello e Elson Martins que foram editores do *Varadouro – um jornal das selvas*, juntamente com outros colaboradores encerraram esse ciclo em 1981.

Figura 3 – Silvio Martinello e Elson Martins destaques no jornalismo acreano com o extinto Varadouro

⁴IBGE. Panorama das cidades. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ac/panorama> Acesso em: 29 fev. 2020.



Fonte: Arquivo jornal A Gazeta

Todavia, com o término das ações daquele veículo de imprensa alternativa, os dois jornalistas partiram para um novo projeto de jornalismo, primeiro como membros da equipe e depois como proprietários. Assim, no ano de 1983 o Jornal Folha do Acre que acabara de ser criado, foi palco para suas “atuações” sendo que eles haviam sido convidados a integrar – se, contudo, lá não permaneceram por muito tempo.

Na Folha do Acre, eles viram uma ideia de jornal enquanto ‘empresa jornalística’. Era isso que Martins e Martinello queriam. Sem saberem, estava em suas cabeças o conceito de A GAZETA. A proposta do jornal nasceu de um grupo de Porto Velho, o mesmo que dirigia O Guaporé em Rondônia. O plano era fazer A GAZETA do Acre em um Estado promissor, mas que ainda era carente de conteúdos jornalísticos. Aliar a herança do Varadouro com uma visão empresarial. (MARTINELLO, 2015)⁵

A partir de 1984 idealizaram o “A Gazeta do Acre” assim denominado inicialmente, que ganhou vida no ano seguinte, tendo sua primeira edição em 15 de outubro de 1985. Nas primeiras décadas de vida contou com a participação de jornalistas como Arquilau de Castro Melo, Marcos Afonso, Suede Chaves e Roberto Vaz. Tal periódico seguiu com sua linha editorial de resistência se tornando um dos mais vendidos no Acre, chegando a cerca de 3.500 exemplares por dia, segundo Elson Martins. A linha editorial proposta continuou pautada no jornalismo investigativo, o que acabou por ser o seu diferencial durante seus primeiros anos de existência, com a abordagens em defesa dos segmentos de trabalhadores, mulheres, posseiros, ribeirinhos e indígenas.

Figura 4 – Primeira edição, outubro de 1985 ainda “A Gazeta do Acre”

⁵História do jornal A Gazeta. Disponível em: <https://agazetadoacre.com/trinta-anos-contando-a-historia-do-acre/>
Acesso em: 04 abr. 2020



Fonte: Arquivo jornal A Gazeta, 15 de outubro de 1985, ano I, nº0, pg. 01

Afora da linha editorial, outro destaque do jornal A Gazeta do Acre se deve ao fato de ter sido o pioneiro em trazer o sistema de diagramação (ou seja, a arte de organizar elementos gráficos, por exemplo, textos, ilustrações, legendas, títulos e fotos, em um espaço limitado). O que foi um grande salto para o periódico impresso, além dos sistemas de impressão plana, três linotipos e com a primeira 'Tituleira' eletrônica.

Contudo, os avanços técnicos não garantiram a manutenção da dupla de jornalistas. E em 1988 Elson Martins deixa o jornal, por questões de incompatibilidade política, seguindo outros caminhos. Nos anos seguintes, outros colaboradores e parceiros foram deixando o jornal, sendo para engajar-se na política ou seguindo outros rumos, todavia, Silvio permaneceu com o projeto.

"A Gazeta" fez a cobertura de grandes acontecimentos, como por exemplo, o assassinato de Chico Mendes, sendo utilizado até como fonte para muitas reportagens, nacionais e internacionais neste caso. Nos anos posteriores, esteve presente em acontecimentos importantes para o Acre como por exemplo: incêndio do prédio da Assembleia Legislativa, a morte do então governador Edmundo Pinto, a prisão de Hildebrando Pascoal. No ano de 1998 o jornal passa a ser "A Gazeta" – em 15 de maio - adquire o maquinário responsável por imprimir o jornal com cores, sendo o primeiro no Acre, o que acabou por o modernizar mais.

E já no século XXI "A Gazeta" cobriu a queda do avião da Rico, bastidores da minissérie 'Amazônia', posses de vários governadores e prefeitos, eleições municipais e majoritárias. Além de receber vários prêmios sejam jornalísticos, empresariais locais e nacionais: Chalub Leite, do Ministério Público do Acre, destaques do ano, além de ser, cinco vezes finalista e uma vez

vencedor do prêmio Esso (uma das maiores premiações de jornalismo do país) e Embratel, ao que se acrescenta ainda o Prêmio Mérito Lojista.

Nesta caminhada, o jornal A Gazeta, passou na última década a uma postura mais conservadora, sem grandes coberturas a problemas socioeconômicos, alinhando-se, sobretudo no último biênio a defesa de pontos de vista associados ao governo do estado e partidos mais conservadores de centro direita. Postura que a nosso ver, se reflete nos espaços destinados a população negra nas folhas do diário em comento.

4. RESULTADOS OBTIDOS COM A APLICAÇÃO DE NOSSA METODOLOGIA DE TRABALHO

Feitos os apontamentos sobre as representações das populações negras em jornais de Rio Branco, ao observarmos especificamente “A Gazeta” afirmamos que as interações entre História e Imprensa trouxeram resultados significativos dentro do projeto de pesquisa. Resultando até o presente momento cerca de 60 edições de A Gazeta já foram analisadas de forma minuciosa. Sem perder de vista que alguns meses estão incompletos no acervo do CDIH e que nossas investigações ainda estão em andamento, nos cabe recordar CRUZ e PEIXOTO a respeito da metodologia utilizada no decorrer do processo de construção da pesquisa, pois:

Antes é preciso organizar minimamente o trabalho e identificar o periódico, o que implica em anotar seu título, subtítulo, datas limites de publicação, periodicidade e a classificação de acesso na instituição ou acervo em que se desenvolve a pesquisa. Já este processo inicial de identificação pode nos fornecer inúmeras pistas sobre a proposta geral da publicação (CRUZ, PEIXOTO, 2007, p. 261)

Dito isto, gostaria de destacar também que na maior parte dos periódicos palavras de cunho étnico racial não aparecem, o que é bastante preocupante, além da presença do negro raramente transpor as páginas policiais (onde sempre se encontra em situações de vulnerabilidade, seja cometendo algum delito ou sendo acometido). Buscamos identificar principalmente, imagens das reportagens, títulos e chamadas que trouxessem a palavra ‘negro’ e sinônimos afrodescendentes, bem como a forma que eles estavam representados, pois como nos afirma Oliveira:

Enquanto os negros aparecem de forma intensa em espaços de delinquência e quase desaparecem dos pontos de poder, os brancos aparecem tanto em espaços de prestígio social, como maioria esmagadora, como em espaços de delinquência (SANTOS, 2010).

A tabela a seguir apresenta os dados obtidos sobre a representação do negro nos periódicos do jornal A Gazeta no ano de 2019, demonstrando o quanto a afirmativa de Oliveira se coaduna com o material pesquisado, pois o maior número de aparições da população negra foi na página policial, seguido para nossa surpresa de anúncios de empresas privadas, ficando apenas na frente de episódios gerais (ou seja, relacionados a pobreza, incidentes, manifestações) e de associações com temas culturais (qual também inserimos religião). Destaque que o número de aparições na coluna social em 2019 também foi significativo, visto as menções a personalidade da acriana “Gleice Damasceno da Silva” que participou e foi vencedora de reality show naquele ano.

TEMAS ONDE O NEGRO APARECE	QUANTIDADE
Temas Culturais (teatro, cinema, Tv, música, carnaval e religião)	11
Política	7
Esporte	5
Página policial	33
Coluna social	10
Propagandas do governo	5
Anúncios empresas privadas	26
Geral (pobreza, incidentes, manifestações)	13
Artigo de opinião	2

Destacamos pelos dados coletados até aqui que quando ocorre de um negro se aventurar em outros segmentos, logo é classificado dentro de caixinhas como, esporte, música e anúncios de emprego. Neste sentido, chama muita atenção como as empresas adoram estampar um negro em seus anúncios de estágio e propagandas do governo.

Outras vezes quando mulheres negras aparecem na coluna social, parte quase que exclusiva da elite, ela está representada por agências de moda e seu “padrão” é marcado por traços caucasianos, porque somente assim ela pode ser “aceita” pelo sistema. Ao longo da pesquisa, apenas uma vez encontrei um negro que fora tão bem colocado, um artigo de opinião trazia sua imagem com um troféu, o prêmio foi destinado a ele como melhor professor do mundo. Um africano do Quênia responsável por mudar a vida de muitas crianças mesmo em situações precárias, mas, o detalhe significativo é que sua identidade negra era sobrepujada por sua ordem religiosa, conforme se pode verificar:

Figura 5 – Artigo de opinião

Franciscano é eleito o melhor professor do mundo

O irmão franciscano Peter Tabichi (Ordem dos Frades Menores - OFM), do Quênia, 36, foi eleito o melhor professor do mundo pelo Global Teacher Prize de 2019. O prêmio é oferecido pela "Fundação Vorkey", uma entidade que se dedica à melhoria da educação para crianças carentes. Foi indicado ao "melhor da educação" o professor cujo trabalho foi capaz de influenciar de forma positiva a comunidade na qual vive. "Fale menos e faça mais" foi o lema deste professor africano.

A cerimônia de premiação aconteceu em Dubai, nos Emirados Árabes Unidos. Além de Frade, o religioso franciscano, que concorreu com outros dez mil candidatos de 179 países, recebeu US\$ 1 milhão (cerca de R\$ 3,9 milhões). O dinheiro deverá ser aplicado em atividades educacionais.

Todas as dias, na África, vemos uma página e começamos um novo capítulo. Hoje é assim dia. Este prêmio não é um reconhecimento a mim, mas ao jovem deste grande continente. Estou aqui somente por causa do que os meus alunos alcançaram. Este prêmio dá a eles uma oportunidade. Elez ao mundo que tudo é possível", afirmou o religioso em seu discurso. Ele ainda acrescentou: "A África produziria cientistas, engenheiros, empresários cujas normas serão, um dia, seguidas em todos os cantos do mundo".

Ele é professor de ciências na Escola Secundária Kericho Mixed Day, localizada em uma zona rural do Quênia, e dos 80% de sua renda mensal para ajudar os alunos mais pobres a conseguir uniformes e materiais escolares.

Muitos desses estudantes percorrem mais de 6 quilômetros diariamente para chegar até a escola. Além disso, 95% dos alunos são provenientes de famílias pobres, quase um terço são orfãos ou têm apenas um dos pais e muitos não têm comida em casa.

As classes, que deveriam ter entre 35 e 40 alunos, chegam a ter o dobro de estudantes. Além disso, por falta de espaço em uma escola onde há apenas um computador e uma conexão precária de internet, o frei Peter Tabichi é obrigado a ir até um café para baixar os materiais necessários para seus alunos.

Segundo dados oficiais, o trabalho do professor Tabichi fez, em três anos, a quantidade de matriculados crescer em 50% em sua escola. Em 2017, apenas 16 dos 59 alunos ingressaram na faculdade, enquanto em 2018, 26 alunos foram para a universidade.

É aqui no Brasil, como estamos valorizando a nossos professores? Vocês professores? Tem gratidão a eles? Os professores, e não é de agora, que os profissionais da educação enfrentam uma era de grandes desafios. É um momento oportuno para se questionar a qualidade de trabalho realizado dentro das salas de aula e o modelo educacional adotado.

No entanto, sabemos que o Brasil é um dos melhores países do mundo em termos de recursos materiais, dentro dessa lista. Não nos falta nada que dependa do Estado. No entanto, o mais importante: a educação do povo, por isso muitos jovens se perderam no mundo das drogas, do crime, da violência, das viciadas e outras tristezas. Um povo sem educação, sem boas escolas, sem bons professores, é hoje um rebanho sem pastor, sem luz, sem destino, sem futuro.

Se em nosso país houvesse a seriedade educacional que existe, por exemplo, no Japão, Coreia do Sul, Bélgica, França, etc., o Brasil já teria superado em muitos os seus problemas sociais. Alguém disse que o Brasil nunca irá para o futuro, porque não existe alguém que o compare.

Heio dar um exemplo: o Japão tem 330 pessoas por quilômetro quadrado, o Brasil tem 20, apenas. O Japão não tem petróleo, não tem minérios, não tem terra como nós, e, no entanto não tem a nossa miséria; 60% dos jovens tem curso superior. Qual o segredo: EDUCAÇÃO.

O ensino no ensino público começa pelos professores, onde muitos (isto está generalizando) são, sem preparo adequado, mal remunerado (já generalizando), sem instrumentos adequados de trabalho, e sem recursos financeiros para adquirir livros, equipamentos de laboratório, computadores para o secundário. Só tem galias no ensino universitário e mais recursos para o secundário. Só tem brando no Japão, o único profissional que não necessita se curvar diante do Imperador, dos viciados e outros tristezas.

Quanta honra e respeito aos mestres. Já é hora do Brasil aceitar a cobrança de todas as autoridades (municipais, estaduais e federais), mas respeito com o cidadão, cuidando de sua educação, valorizando os profissionais. Essa época precisa que é a oportunidade que Deus deu de graça a cada um de nós, não pode ser jogada na lata. Não se dá prêmios aos poucos, disse Jesus Cristo. Cuidar da educação e também um item da evangelização, por isso a Igreja em todos os tempos, desde a queda do império romano em 476, foi sempre a maior estimadora do ensino, do ensino.

Foi ela que fundou as primeiras universidades do mundo no ocidente: Bolonha, Sorbone, Oxônia, Cambridge, Compostela, Antuérpia, etc. Sem falar nas inúmeras instituições de ensino, onde muitas religiosas, Frades e padres, continuam contribuindo para a formação humana e moberna para uma sociedade que sem valores éticos, civis, religiosos e religiosos.

Já é hora do povo brasileiro cobrar que os governos sejam sérios, que eliminem a corrupção para que o dinheiro não seja usado em obras que não geram benefícios sociais e corruptores. Não é só a corrupção dos pais e professores que pode mudar esse caos educacional em nosso país, sem violências, sem golpes históricos, mas com cobranças sérias, organizadas e maduras.

Parabéns ao frei Peter Tabichi, por sua atuação junto aos mais pobres e necessitados! Paz e Bem.

Adaptado conforme: www.vaticannews.va

Fonte: Jornal A Gazeta, 28 de março de 2019, ano XXI, nº9.788, pg. 02

Ao observar a matéria, não temos como não recordar Paulo Freire e sua afirmação sobre o ensinar enquanto atuação nas ações cotidianas, posto que “ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo” (FREIRE, 1996). De fato, a valorização sobre a qualidade e método de aplicação dos ensinamentos pelo professor, queniano e franciscano lhe trouxeram notoriedade, mas, também sobrepujaram suas vivências prévias como homem negro, demonstrando o processo de invisibilidade das relações étnico-raciais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelos materiais aqui expostos, se pode concluir que ainda existe um caminho muito longo a percorrer tendo em vista os dados apresentados, e que são apenas uma pequena parcela de toda a mazela racial que nossa sociedade carrega. São necessários ainda muitas alternativas para mudar concepções. Não devemos esquecer que foram anos de escravidão e ideologias racistas implantadas, mais de 300 anos de escravidão. Todo esse processo leva tempo, mas temos que lutar arduamente para uma educação étnico racial, seremos professores e é nosso dever trazer consciência a nossos alunos. Este trabalho mudou minha perspectiva de muitas formas, hoje não consigo chegar em alguns lugares e não observar, onde se encontra o público negro? Que lugar eles estão ocupando? E por quê? Quando passamos a analisar a estrutura social fora da nossa

bolha egoísta, notamos ainda mais o quanto se faz necessário políticas afirmativas e lutas contra o racismo que de forma sutil, ou não, se apresentam.

REFERÊNCIAS

A Gazeta, Rio Branco, Ano I – n. 0, 15 de outubro de 1985, p. 0

A Gazeta, Rio Branco, Ano XXI – n. 9.959, 16 de fevereiro 2019, p. 01

A Gazeta, Rio Branco, Ano XXI – n. 9.958, 15 de fevereiro de 2019, p. 01

A Gazeta, Rio Branco, Ano XXI, n 9.788, 28 de março de 2019, pg. 02

ALBUQUERQUE, N. B. M. **História e jornais: diálogos sobre a produção historiográfica.** In: IV Encontro Regional Norte de História da Mídia, 2016, Rio Branco. Anais do IV Encontro Regional Norte de História da Mídia, 2016. p. 1-13.

BARROS, José D' Assunção. **A fonte histórica e seu lugar de produção.** In: Caderno de Pesquisa do Cdhis/ufu. v.25, n.2, jul./dez. 2012. p. 407-429. disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/cdhis/article/view/15209/11834>> acesso em: 05abr. 2020.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. **Na oficina do historiador: Conversas sobre História e Imprensa.** Projeto História: História e Imprensa, São Paulo, v35, ago/dez. 2007. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/2221>> Acesso em: 05 abr. 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: paz e terra, 1996

História do jornal A Gazeta. Disponível em: <<https://agazetadoacre.com/do-jornal-impresso-ao-online-a-gazeta-completa-32-anos-de-historia/>> Acesso em: 05 de abril de 2020.

IBGE. Panorama das cidades. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ac/panorama> Acesso em: 29 fev. 2020.

LUCA, Tania Regina de. **História dos, nos e por meio dos periódicos.** In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2005. p. 111-153.

OLIVEIRA, Ângela. **A Imprensa negra como fonte para a história social do negro.** In: IV Encontro de Pesquisas Históricas PUCRS, 2018, Porto Alegre - RS. A historiografia para além do campo historiográfico [recurso eletrônico]: novos horizontes e perspectivas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017. v. 4. p. 01-09.

PONTES, F.; BAN, G. **A (não) representação das negras e negros no jornal laboratório Foca Livre.** Revista Alterjor, v. 18, n. 2, p. 121-136, 6 jul. 2018.

SANTOS, Wellington Oliveira. **Espaço do negro nos jornais impressos.** In: 33ª Reunião Anual da ANPED, 2010, Caxambu MG. Educação para o Brasil: o balanço de uma década. Rio de Janeiro: Anped, 2010. P. 3017

WILLIAN, Nascimento Sampaio. **Reflexões sobre fontes hemerográficas na produção dos saberes históricos: sugestões para o trabalho historiográfico.** Bilros, Fortaleza, v.2, n. 2, p. 149-165, jan-jun. 2014

Data de submissão: 15/04/2020

Data de aprovação: 11/05/2020